

Plano de Ação Missionária da IECLB - 2008-2012

MISSÃO DE DEUS

NOSSA PAIXÃO

Roteiro para o Planejamento Comunitário do PAMI



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil
www.luteranos.com.br

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

MISSÃO DE DEUS NOSSA PAIXÃO

Roteiro para o Planejamento
Comunitário do PAMI 2008-2012

Grupo Assessor do Planejamento Estratégico do PAMI: Almiro Wilbert, Armindo Klumb, Artur Baumrucker, Cleuza Maria Hehr, Dietmar Wimmersberger, Enos Heidemann, Leonídio Gaede, Mariane Beyer Ehrt, Milton de Oliveira, Paulo Butzke, Ricardo Dalla Barba, Ricardo Z. Fiegenbaum, Rodomar Ramlow e Sérgio Hagemann.

Participantes convidados: Huberto Kirchheim, Martin Reusch, Débora Raquel Klesener Conrad e Mauro Souza.

Fotos: Primeira e segunda da capa a partir da esquerda: Ricardo de Moraes. Terceira da capa: Centro Infantil Lupicínio Rodrigues - CEPA. Quarta da capa: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - CAPA.

Ilustrações: Artur Nunes

Elaboração, capa e projeto gráfico: Ricardo Z. Fiegenbaum

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. INTRODUÇÃO	8
1. O que significa planejar?	8
2. Três pontos que integram qualquer planejamento	8
3. Por que planejamento estratégico?	10
4. Como planejar na perspectiva do PAMI	11
5. Antes de iniciar: algumas providências úteis	12
1º Passo: Refletindo sobre a nossa identidade como comunidade	15
2º Passo: Relacionando a nossa identidade como comunidade às diretrizes do PAMI	17
3º. Passo: Conhecendo as forças e as fraquezas da comunidade e as oportunidades e as ameaças relacionadas à missão	19
4º Passo: Interpretando os dados e estabelecendo prioridades	21
5º Passo: Elaborando as ações estratégicas	23
6º Passo: Definindo atividades, prazos, responsabilidades e recursos	25
7º Passo: Avaliando e definindo modos de monitoramento do plano	27
8º Passo: Celebrando	29
Celebração de Encerramento	30
MATERIAIS DE APOIO	32
Formulário 1 - Primeiro Passo	32
A - Refletindo sobre a nossa identidade como comunidade	32
Formulário 2 - Segundo Passo	33
Resolução 093/2009 CI - Segundo Passo	34
Orientações para preenchimento do formulário (Anexo I da Res. 093/2009) estatístico da IECLB	35
Formulário 3 - Terceiro Passo	37
Formulário 4 - Terceiro Passo	38
Formulário 5 - Terceiro Passo	39
Formulário 6 - Terceiro Passo	40
Matriz de Impactos Cruzados - Quarto Passo	42
Como a matriz é preenchida:	42
Formulário 7 - Quarto Passo	44
Resumo sobre o Planejamento - Quinto Passo	45
Formulário 8 - Matriz de Planejamento do PAMI - Evangelização - Quinto Passo	46
Formulário 9 - Matriz de Planejamento do PAMI - Comunhão - Quinto Passo	47
Formulário 10 - Matriz de Planejamento do PAMI - Diaconia - Quinto Passo	48
Formulário 11 - Matriz de Planejamento do PAMI - Liturgia - Quinto Passo	49
Formulário 12 - Tabela para avaliação permanente do Planejamento Estratégico	50



1. APRESENTAÇÃO

A elaboração e implementação do Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI) 2008-2012 diz respeito a toda a Igreja, ou seja, às comunidades, às paróquias, aos sínodos e às instâncias nacionais, como a Presidência, Secretaria Geral e Conselho da Igreja, entre outras. Mas é a comunidade o lugar privilegiado para a realização da missão de Deus, porque a missão acontece efetivamente nas comunidades. Todas as demais instâncias estão a serviço desta célula básica que é a comunidade.

A posição estratégica que as comunidades ocupam na realização dos objetivos da IECLB, no Brasil e no mundo, demanda uma atenção especial sobre a elaboração de seus planos missionários. É por isto que apresentamos este roteiro para o planejamento comunitário. Ainda que possa ser aplicado a outras instâncias e setores, a principal função do roteiro é ajudar presbíteros e presbíteras, obreiros e obreiras, membros da IECLB a planejar as ações de missão no âmbito local.

Com isso também estamos procurando oferecer as condições para que até o fim do ano de 2012 pelo menos um terço das comunidades em cada um dos dezoito Sínodos da IECLB tenha estabelecido e esteja executando seus planos de ação missionária. Isso significa dizer que sínodos, departamentos, setores de trabalho, instituições, Secretaria Geral, Presidência e Conselho da Igreja poderão realizar seus planos de ação muito mais próximos das necessidades e das demandas das comunidades, facilitando e colaborando para que elas possam cumprir bem e cada vez melhor a sua missão.

Este roteiro compõe-se de uma sequência de oito passos que se referem a diferentes momentos da elaboração do plano estratégico de missão. Cada passo pode ser cumprido em diferentes encontros realizados em intervalos maiores (um encontro por semana, por exemplo) ou em um único encontro intensivo de dois a três dias, como num retiro, ou ainda, num misto de ambos, fazendo alguns passos do planejamento de forma intensiva e outras com um intervalo de tempo entre um encontro e outro. A comunidade deve encontrar a maneira que melhor lhe convém para realizar cada um dos passos de elaboração do seu plano missionário.

Os encontros têm uma proposta de roteiro e sugestões de algumas técnicas para realizar as tarefas. Quando é o caso, indicamos os formulários e materiais de apoio que podem auxiliar a comunidade. Eles estão disponíveis em folhas avulsas ao final deste roteiro para facilitar a reprodução. Todos estes elementos são recursos metodológicos, ou seja, são subsídios para ajudar a responder a pergunta sobre como fazer o plano missionário. Eles estão ancorados na Matriz de Planejamento do PAMI, aprovada pelo XXVI Concílio, realizado em Estrela (RS), em outubro de 2008, e que contribui para a unidade do planejamento na diversidade de contextos que caracteriza as comunidades da IECLB.





2. INTRODUÇÃO

1. O que significa planejar?

Planejar significa:

- 1) preparar, por antecedência, os passos e as medidas que devem ser tomadas
- 2) para que determinado ato ou programa possa ser realizado de modo sistemático
- 3) com vistas a economizar esforços, diminuir os gastos de tempo e dinheiro e evitar muitas surpresas.

Em outras palavras:

"planejar é realizar mentalmente toda uma série de ações como se elas estivessem sendo realizadas na realidade, para que, quando elas tiverem que ser feitas, tudo (ou a maioria dos atos) já esteja previsto.

2. Três pontos que integram qualquer planejamento

O PRIMEIRO PONTO:

QUALQUER PLANEJAMENTO DEVE SABER QUAL É A SUA MOTIVAÇÃO?

Quando se começa a pensar sobre planejamento e se toma a decisão de fazê-lo, é preciso deixar claro qual é a motivação, ou seja, porque queremos planejar. O produto de um planejamento é a transformação. Planejar deve levar necessariamente a uma transformação das pessoas e das comunidades, seus ministérios e modos de servir e contribuir para a missão de Deus.

Mas assim como o planejamento é uma oportunidade para favorecer processos de mudança e de transformação também pode representar uma ameaça ao *status quo*, ou seja, pode implicar mudança nas relações de poder e de força dentro da comunidade.

Neste sentido, pode ser útil convidar as pessoas participantes, ao iniciar o debate sobre planejamento, a se perguntar:

Pergunta: Qual é a história que cada qual tem com Deus? Onde ela se encontra? Como chegou até ali? Qual é o chamado que Deus lhe faz? E, finalmente, qual é o chamado que Deus faz a esta comunidade neste lugar? Que tipo de comunidade de fé Deus quer que ela seja?

A mudança que o planejamento quer oportunizar é a transformação que vem do Espírito de Deus quando sopra em sua comunidade de fé, e esses sopros do Espírito muitas vezes se convertem em necessidade de ensaiar novos modos de ser igreja.

Planejar é realizar mentalmente toda uma série de ações como se elas estivessem sendo realizadas na realidade, para que, quando elas tiverem que ser feitas, tudo (ou a maioria dos atos) já esteja previsto.



O produto de um planejamento é a transformação. Planejar deve levar necessariamente a uma transformação das pessoas e das comunidades.



Pergunta: O que queremos alcançar com o planejamento da comunidade? Qual é a nossa motivação? Que esperamos que este planejamento ajude a mudar em nossa comunidade? Que esperamos que este plano mude em nós pessoalmente? Como Deus pode usar este planejamento como parte de sua missão?

O SEGUNDO PONTO:

OBSERVAR QUE TUDO FUNCIONA DENTRO DE UM SISTEMA, E UNS AFETAM OS OUTROS; AS DECISÕES DE UNS AFETAM OS OUTROS

Qualquer ação que alguém realize afeta outras pessoas. Às vezes, até a não-ação causa perturbação a outras pessoas. Ora, se isto realmente é assim, então é necessário levar em conta, em nosso planejamento, não apenas as nossas ações, propostas e projetos, mas também e principalmente as ações, propostas e os projetos das outras pessoas.

Pergunta: Como as nossas ações afetam as outras pessoas dentro da comunidade? Quais são as nossas competências? Como estamos respondendo às ações das outras pessoas?

Num sistema (qualquer que seja) existem demandas, reivindicações, pedidos, necessidades que chegam para serem processadas, quer dizer, há que tomar decisões a respeito. O resultado da decisão é naturalmente uma decisão. Toda e qualquer decisão deve levar em conta o meio ambiente, que são as circunstâncias, situações ou questões que estão ao redor. As decisões tomadas afetam também o todo, quer dizer, todo o sistema percebe a decisão e se realinha, quer para retirar aquela reivindicação ou demanda da lista do que precisa receber nova decisão, quer para mudar o caráter ou a intensidade de outras demandas.

Pergunta: quais são as demandas, reivindicações, pedidos, necessidades da comunidade? Como percebemos a realidade que nos cerca e como ela nos afeta?

O TERCEIRO PONTO:

QUAIS SÃO A NOSSA MISSÃO, OS NOSSOS VALORES E A NOSSA VISÃO DE FUTURO?

Existe um terceiro conjunto de aspectos que se deve levar em consideração quando se vai fazer um planejamento, além do objetivo e da percepção do meio ambiente.

Pergunta: Qual é nossa missão? Ou em outras palavras: para que existe a comunidade? A missão, aqui, não é a missão no sentido teológico, mas tem a ver com a razão da existência da comunidade como tal, com seu patrimônio, seus membros, suas lideranças, etc., no contexto na qual ela está inserida. O que a comunidade faz?

Neste roteiro, a missão da comunidade é a missão da IECLB e neste sentido, a resposta a esta questão é um modo de contextualizar aquela missão na comunidade. A resposta não deve ser idealizada ou escrita de maneira poética, mas deve refletir exatamente o que nós somos.

Pergunta: Quais são os nossos valores? Ou seja, o que é que nós valorizamos? Ou em outras palavras: do que é que nós não abrimos mão? O que para nós é inegociável ou a que nós damos mais valor na comunidade?

Qualquer ação que alguém realize afeta outras pessoas.

Saber para que existe a comunidade, em função de que valores ela vive e qual é a sua visão de futuro é parte importante do planejamento.



Valor é entendido aqui como um *bem pelo qual estamos dispostos a sacrificar outros bens*. Este valor está relacionado a nossa missão, portanto, é coerente com ela.

Compreendida a missão e estabelecidos os valores, ainda resta perguntar como queremos que a nossa comunidade seja vista no futuro

“Nenhum vento é favorável para aquela pessoa que não sabe que direção seguir.” (Sêneca)

Pergunta: Qual é a nossa visão de futuro? O que nós pretendemos no futuro ao combinar nossa missão e nossos valores? Ou seja, se sabemos para que existimos como comunidade e quais são as coisas a que damos valor e das quais não abrimos mão, como queremos nos ver no futuro como comunidade realizando a nossa missão e vivendo nossos valores?

Esta visão de futuro não pode estar descolada do que definimos antes. Mas do mesmo modo que a missão da comunidade corresponde à missão da IECLB, no PAMI, a visão da comunidade é a visão da IECLB, que a comunidade deve refletir a partir de seu contexto existencial.

3. Por que planejamento estratégico?

Se como comunidade estamos convencidos da necessidade de planejar, e se já definimos nossos objetivos, sabemos para que existimos, quais são nossos valores e que futuro nos aguarda ou desejamos, então precisamos pensar como desenvolver um plano de ações capaz de resolver as situações que se apresentam como desafios ou problemas para a comunidade ou que nos levem a ser a comunidade que sonhamos. É disso que se trata quando se fala em elaborar um planejamento estratégico. Estratégia significa o conjunto de ações para resolver ou alcançar uma determinada situação, que pode ser tanto adversa quanto favorável. Ou seja: se estamos numa situação que nos é desfavorável ou desconfortável, o que precisamos fazer para passar a viver numa situação melhor? Ou, por outro lado, se temos uma visão clara do que queremos ser no futuro como comunidade missionária, que ações precisamos realizar para chegar lá?

Para que algo ou uma situação possa ser considerado estratégico, portanto, digno de intervenção, é necessário que atenda, simultaneamente, a três requisitos:

1) que nossa decisão varie conforme ou dependa da decisão de outro ou de outros;

2) que haja uma relação de poder entre dois ou mais atores;

3) que a situação seja transcendente, quer dizer, envolva, altere profundamente ou coloque em risco o futuro da nossa comunidade.

Planejamento estratégico envolve poder. De uma maneira bastante simples, poder é capacidade de fazer acontecer coisas que não acontecem por si mesmas. Portanto, como dissemos acima, planejamento missionário envolve ações que realizam visões particulares das comunidades identificadas com a paixão pela missão de Deus e que levam à transformação, à conversão, à *metanoia*. E isso pressupõe abertura para que o Espírito de Deus atue no meio da comunidade, transformando a vida de pessoas individualmente, mas também os processos pelos quais estas pessoas vivem a sua fé em comunidade.

É necessário, portanto, ter sempre em mente uma perspectiva estratégica em nossos planejamentos, entendendo-se que as estratégias devem levar em conta os três critérios mencionados e, ao mesmo tempo, observar a missão (conforme foi definida), os valores (que cultivamos) e a visão de futuro (que desenhamos).

Estratégia significa o conjunto de ações para resolver ou alcançar uma determinada situação, que pode ser tanto adversa quanto favorável.

O Concílio da Igreja aprovou a proposta de uma matriz de planejamento comum, com base na qual cada comunidade poderá elaborar o seu próprio plano de ação, contribuindo com a sua parte no PAMI.



4. Como planejar na perspectiva do PAMI

O Plano de Ação Missionária da IECLB é uma elaboração coletiva, por meio da qual se procura garantir a unidade no planejamento sem ignorar as diferenças de cada contexto onde a IECLB está presente. Por isso, o Concílio da Igreja aprovou a proposta de uma matriz de planejamento comum, com base na qual cada comunidade poderá elaborar o seu próprio plano de ação, contribuindo com a sua parte no PAMI.

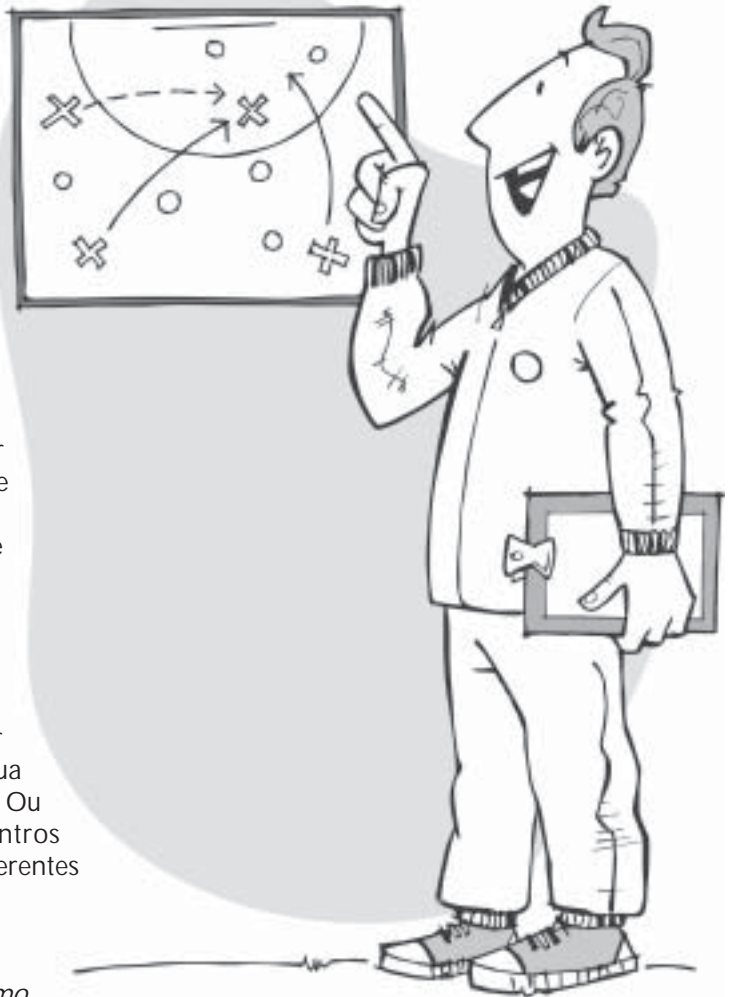
O que segue são alguns passos para que cada comunidade faça esta relação entre o seu contexto específico e suas necessidades únicas com a missão, a visão, o objetivo geral e alguns objetivos específicos já delineados e assumidos por todas as instâncias da IECLB como um traço de unidade e de compromisso.

Cada passo corresponde a um momento de encontro e de planejamento distintos que, dependendo de cada equipe, pode durar em média duas a três horas. Mas isso não impede que a comunidade, dentro das suas possibilidades, elabore o seu planejamento num encontro mais longo, de um ou dois dias, num retiro, por exemplo. A comunidade pode organizar a sua agenda de acordo com as suas possibilidades. Ou seja, os passos podem ser dados em encontros alternados ou num mesmo encontro com diferentes momentos.

Ao todo, propomos oito passos. São eles:

1. *Refletindo sobre a nossa identidade como comunidade;*
2. *Relacionando a nossa identidade com as diretrizes do PAMI (missão, visão e objetivo geral);*
3. *Conhecendo nossas forças e nossas fraquezas, as oportunidades e as ameaças;*
4. *Interpretando o diagnóstico pelo cruzamento de dados;*
5. *Elaborando as ações estratégicas;*
6. *Definindo atividades, prazos, competências, recursos;*
7. *Avaliando e definindo modos de monitoramento do plano;*
8. *Celebrando.*

Se a comunidade fizer de cada passo um encontro, oferecemos aqui um roteiro simples para cada um dos oito momentos, de modo que não se torne apenas uma reunião de trabalho, mas também uma oportunidade de viver a espiritualidade. Em caso de a comunidade optar por encontros mais intensivos, realizando mais de um passo num mesmo dia, o roteiro deverá ser adaptado ao contexto, elegendo um dos textos bíblicos propostos para reflexão de abertura. O importante é que o encontro não seja apenas um evento técnico de planejamento, mas uma oportunidade de comunhão e vivência da fé.



O que segue é uma proposta de oito passos para que cada comunidade faça a relação entre o seu contexto específico e suas necessidades únicas com a missão, a visão, o objetivo geral e alguns objetivos específicos já delineados e assumidos por todas as instâncias da IECLB como um traço de unidade e de compromisso.



5. Antes de iniciar: algumas providências úteis

Algumas providências úteis

1. Definir quem planeja

1. Definir quem planeja

Embora o planejamento seja de toda a comunidade, não dá para reunir todos os membros para realizá-lo. Então, é preciso constituir uma equipe de trabalho. Esta equipe pode ser o presbitério, ou uma outra, formada especialmente para essa tarefa e que reúna representantes de cada setor da comunidade. Estes têm a tarefa de levar para o planejamento as demandas de seus grupos e setores e também de reportar-lhes o que se está fazendo no planejamento. O ideal é que esta equipe de trabalho não seja demasiada pequena nem muito grande, que contemple a diversidade da comunidade, envolva seus obreiros e suas obreiras e que seja equilibrada em termos de representação de mulheres e homens, de faixa etária, de setores entre outros modos de representatividade.

2. Escolher uma pessoa para a coordenação da equipe de trabalho

2. Escolher uma pessoa para a coordenação da equipe de trabalho

É necessário que, dentre seus membros, a equipe escolha uma pessoa para a coordenação. É a pessoa que vai promover a articulação dos membros da equipe, ajudando-os a lembrar de suas tarefas, bem como preparar o(s) encontro(s), distribuindo tarefas, providenciando o material necessário e o ambiente adequado para o bom andamento do processo. É também a pessoa que fará a ponte entre a equipe e o assessor ou assessora externo e entre a equipe e a comunidade. Durante os passos do planejamento, terá a tarefa de coordenar a abertura e o fechamento das atividades (ou de providenciar alguém que o faça).

3. Contar com um assessor externo

3. Contar com um assessor externo

Quando possível, é desejável que a equipe conte com o apoio de uma pessoa de fora da sua comunidade (pode ser alguém de outra comunidade que tenha experiência de planejamento) para ajudá-la a desatar os nós que muitas vezes surgem no processo. É desejável que esta pessoa também tenha sido capacitada na metodologia de Planejamento Estratégico do PAMI, em seminários de capacitação oferecidos no âmbito sinodal ou em outras instâncias da IECLB. O assessor ou a assessora tem a tarefa de orientar o processo de planejamento. Isso significa que é a pessoa que propõe e apresenta a metodologia para cada passo, explica o que se pretende com cada uma das atividades de planejamento, ajuda a equipe a fazer as escolhas adequadas em cada momento e zela para que a equipe não perca o foco, que é o planejamento missionário da comunidade.

4. Escolher uma pessoa ou duas pessoas para fazer os relatórios

4. Escolher uma pessoa ou duas pessoas para fazer os relatórios

Para o bom andamento das atividades e a fixação da memória do processo de planejamento, é aconselhável que a equipe nomeie dentre seus pares uma ou duas pessoas com a tarefa específica de fazer um relatório ou uma síntese de cada passo ou de cada encontro. Com isso, ela e toda a comunidade poderá acompanhar todo o processo de elaboração do plano operacional passo a passo, além de permitir que, a qualquer momento, se possa voltar a algum ponto que já se tenha trabalhado, já que a cada passo é possível e necessário fazer a revisão das escolhas feitas no passo anterior.

5. Ter conhecimento do texto-base do PAMI e do caderno da matriz de planejamento e conversar a respeito

5. Ter conhecimento do texto-base do PAMI e do caderno da matriz de planejamento e conversar a respeito

Depois que a equipe estiver formada, a primeira tarefa é ler o texto-base do PAMI e o caderno Linhas Mestras do Plano Operacional do PAMI. Depois, a equipe reúne-se para conversar a respeito. Não se trata ainda



de planejar, mas de entender que o planejamento que a comunidade vai fazer é parte do Plano de Ação Missionária da IECLB, portanto, está em comunhão com toda a igreja.

Alternativamente ou como complemento à leitura, o grupo pode assistir a apresentação de slides do texto-base do PAMI, disponível em www.luteranos.com.br e conversar sobre ele. Cópias desta síntese também podem ser disponibilizadas para os membros da equipe.

6. Garantir a interação entre a equipe de planejamento e os membros em geral

Como na maioria das comunidades é difícil reunir todos os membros para as reuniões de planejamento, a equipe de representantes encarregada desta tarefa deve garantir que todo o processo possa ser acompanhado de perto por todos os membros. Nesse sentido, é importante desenvolver estratégias de interação da equipe com a comunidade, seja relatando o que está acontecendo, seja colhendo opiniões, sugestões e contribuições espontâneas ou por meio de questionários específicos. Ao fazer esta relação, desde logo fica claro que o planejamento missionário diz respeito a toda a comunidade. Também pode ser uma forma de socialização, afixar no mural da comunidade (ou distribuir por e-mail), as sínteses dos relatórios de cada passo ou, ainda, fazer um breve informe durante o culto. Cada comunidade deve encontrar a sua forma de ajudar a divulgar entre seus membros o que a equipe de planejamento está fazendo. São meios importantes para conseguir o comprometimento de todas as pessoas membros com o plano missionário da comunidade.

7. Estabelecer um período de tempo para a execução do plano missionário

Assim como deve-se definir um prazo máximo para a equipe elaborar o planejamento, o plano também deve prever um período de abrangência para sua execução. É desejável que o prazo ultrapasse o período de uma gestão da comunidade e, neste sentido, três anos é um prazo razoável, na medida em que alcança pelo menos duas gestões, dando-se a oportunidade para que, ao final do segundo ano, já se comece a reelaborar o plano missionário para o próximo período de três anos.

6. Garantir a interação entre a equipe de planejamento e os membros em geral

7. Estabelecer um período de tempo para a execução do plano missionário (mínimo de três anos).





1º Passo

Refletindo sobre a nossa identidade como comunidade

Objetivo: Refletir sobre a identidade da comunidade com base na percepção que cada participante tem sobre que comunidade somos, que comunidade os outros dizem que somos e que comunidade queremos, podemos e somos desafiados a ser.

Material necessário: Cópia do *Formulário 1* para cada participante; caneta; pedaços de papel de embrulho (1m x 0,70cm, mais ou menos); canetas hidrocor de cores diferentes. (Se o grupo dispuser de tecnologia como computador e datashow, não é necessário o papel de embrulho).

Roteiro do encontro:

A) Abertura:

Tempo estimado: 25 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dá as boas vindas a todas as pessoas presentes (se o grupo ainda não se conhece, é uma oportunidade de se apresentarem).

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferece a oportunidade do grupo compartilhar brevemente preocupações e alegrias pessoais e também expectativas sobre as atribuições do grupo.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Expõe os objetivos do trabalho do grupo e também o que se pretende neste encontro.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler 1 Pedro 2.9-10 e conversar a respeito.

5. Oração:

B) Desenvolvimento da atividade:

Tempo aproximado: 90 minutos

Assessor/a: Distribui as cópias do *Formulário 1* a cada um dos participantes para que o respondam individualmente.

Tempo: 15 a 20 minutos.

Refletir sobre a identidade da comunidade com base na percepção que cada participante tem sobre que comunidade somos, que comunidade os outros dizem que somos e que comunidade queremos, podemos e somos desafiados a ser.

Impulsos para a meditação

A partir deste texto, qual é a nossa identidade? Quem somos aos olhos de Deus? E para que estamos aí?



Assessor/a: Formar grupos com três a quatro pessoas para comparar as respostas e buscar os consensos possíveis em torno das questões. Escrever esses consensos no papelógrafo.

Tempo: 15 minutos.

Assessor/a: Pede que se pendure os papelógrafos com os consensos dos grupos. (Se houver computador e datashow, pode-se digitar as respostas para projetá-las na tela.) Fazer isso durante o intervalo.

Tempo: 15 minutos.

Assessor/a: Após o intervalo, em plenária, convidar a fazer o mesmo exercício dos grupos, buscando os consensos sobre a identidade da comunidade a partir dos consensos conseguidos nos grupos.

Tempo: 20 minutos.

Assessor/a: Com a equipe, comparar as três questões para ver a defasagem que há entre elas e anotar as conclusões. Esses dados serão úteis para os próximos passos.

Tempo: 20 minutos.

C) Encerramento

Retomar as questões discutidas, lembrar os consensos encontrados e informar sobre o próximo passo, que é o de relacionar a identidade com as diretrizes do PAMI (missão, visão e objetivo geral).

Assessor/a: Retomar as questões discutidas, lembrar os consensos encontrados e informar sobre o próximo passo, que é o de relacionar a identidade com as diretrizes do PAMI (missão, visão e objetivo geral).

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.



2º Passo:

Relacionando a nossa identidade como comunidade às diretrizes do PAMI

Objetivo: Refletir sobre a identidade da comunidade na sua relação com as diretrizes do PAMI.

Material necessário: Cartazes onde se lê a missão, a visão e o objetivo geral do PAMI (se houver datashow, pode-se projetar na tela) ou distribuir a cada participante uma folha com estes elementos (*Formulário 2*); folhas de ofício coloridas para anotar as respostas; papel de embrulho para colar as folhas; canetas hidrocor de cores diferentes; fita crepe, um varal e grampos de roupa.

Refletir sobre a identidade da comunidade na sua relação com as diretrizes do PAMI.

Roteiro do encontro:

A) Abertura:

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes (se houver um novo membro na equipe, pedir que se apresente).

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferecer a oportunidade do grupo compartilhar preocupações e alegrias pessoais e como estão se sentindo ao participarem dessa atividade.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Retomar as principais questões acumuladas do primeiro encontro e expor os objetivos deste encontro.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler os textos de Mateus 10.1-8 e conversar a respeito.

5. Oração:

B) Desenvolvimento da atividade:

Tempo aproximado: 90 minutos

Assessor/a: Expor o cartaz (ou projetar na tela) a missão da IECLB, segundo o PAMI (ou distribuir as folhas com o texto - *Formulário 2*).

Tempo: 15 a 20 minutos.

Impulsos para a meditação

O que o texto provoca em nós? O que ele diz sobre a nossa missão? Há algum desafio que queremos levar em conta enquanto planejamos?



Assessor/a: Formar grupos com três a quatro pessoas para que conversem sobre as questões (*Formulário 2*) e anotem as respostas na forma de palavras-chave nos papéis coloridos

Tempo: 30 minutos.

Assessor/a: Pendurar as respostas no papelógrafo (Se houver computador e datashow, pode-se digitar as respostas para projetá-las na tela). Fazer isso durante o intervalo.

Tempo: 15 minutos.

Assessor/a: Após o intervalo, em plenária, procurar elaborar, em consonância com a missão e a visão, os valores da comunidade. Lembrar que valor é um bem pelo qual estamos dispostos a sacrificar outros bens. Fazer em forma de frases, num total não superior a dez frases. Procurar estabelecer consensos a respeito. Buscar os consensos primeiro por aqueles que geram menos discussão e deixar os mais polêmicos para o final. Tudo isso deve estar relacionado com as questões levantadas no primeiro passo, sobre quem somos, quem dizem que somos e quem queremos ser.

Tempo: 30 minutos.

Valor é um bem pelo qual estamos dispostos a sacrificar outros bens.

C) Encerramento

Assessor/a: Retomar as questões discutidas, relembra os consensos encontrados e informar sobre as tarefas do próximo passo, a saber, conhecer as forças e as fraquezas, as oportunidades e as ameaças para a comunidade. Lembrar que os representantes dos setores da comunidade podem refletir com seus grupos sobre estas questões e trazer para o próximo passo, bem como outros dados estatísticos que sejam importantes. Podem ajudar nisso os *Formulários 3, 4 e 5* aprovados pelo CI.

Lembrar que os representantes dos setores da comunidade podem refletir com seus grupos sobre estas questões e trazer para o próximo passo, bem como outros dados estatísticos que sejam importantes.

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.

Dica importante: A comunidade poderá elaborar uma frase que possa servir como slogan ou resumo da sua identidade, a partir da qual poderá fazer as relações com os próximos passos do PAMI. Exemplo: "A comunidade é um lugar para se sentir bem".



3º. Passo

Conhecendo as forças e as fraquezas da comunidade e as oportunidades e as ameaças relacionadas à missão

Objetivo: Listar as forças e as fraquezas bem como as oportunidades e as ameaças que se relacionam com a comunidade.

Material necessário: Folhas de ofício de quatro cores diferentes; papel de embrulho para colar as folhas; canetas hidrocor de cores diferentes; fita crepe, um varal e grampos de roupa; revistas e jornais da semana ou do dia; formulários e dados estatísticos sobre a comunidade e a localidade (veja *Formulários 3, 4 e 5*); dependendo do tamanho e da localização da comunidade, é desejável ter também um mapa da cidade.

Observação: Este passo é muito importante, pois é com base em seus indicadores que a comunidade poderá eleger as prioridades para o seu planejamento. Para fazer o diagnóstico, podemos nos utilizar de diferentes recursos. Tais recursos devem nos ajudar a olhar em duas direções: para dentro de nossa comunidade e para o ambiente externo.

Vejam alguns recursos para perceber o ambiente interno:

- a) os dados estatísticos da comunidade (se possível dos últimos anos, para verificar a evolução);
- b) o orçamento anual e a média de contribuição dos membros no último ano;
- c) questionários e pesquisas de satisfação aplicados com os membros;
- d) documentos que falam da história e da atuação da comunidade;
- e) mapa com a distribuição geográfica da membresia e estatística da faixa etária dos membros.

Recursos para perceber o ambiente externo são:

- a) as informações que obtemos entre pessoas e instituições que se relacionam com a comunidade (para saber o que pensam os outros sobre nós);
- b) dados sociais, econômicos e geográficos sobre a localidade onde está situada a maioria dos nossos membros. Um modelo de instrumento de diagnóstico interno são os questionários elaborados pelo Conselho da Igreja (*Formulários 3, 4 e 5*).

Roteiro do encontro:

A) Abertura:

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes.

Listar as forças e as fraquezas bem como as oportunidades e as ameaças que se relacionam com a comunidade.



2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferecer a oportunidade ao grupo para compartilhar preocupações e alegrias pessoais e como estão se sentindo ao participarem da atividade de planejamento.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Retomar as principais questões acumuladas do primeiro e no segundo passos e expor os objetivos deste passo.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler o texto de Mateus 9.35-38 e conversar a respeito.

*5. Oração:***B) Desenvolvimento da atividade:**

Tempo aproximado: 105 minutos

Assessor/a: Formar grupos com três a quatro pessoas para que conversem sobre os pontos fortes e os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças que envolvem a comunidade. Pedir que anotem as suas respostas nas folhas coloridas, escolhendo uma cor para cada uma das questões. Os questionários e dados estatísticos podem ser utilizados pelos grupos para a realização da tarefa.

Tempo: 30 minutos.

Assessor/a: Oportunizar aos grupos que relatem as suas anotações, colando as folhas no papelógrafo, de tal modo que à medida que hajam questões semelhantes possam ser agrupadas para facilitar a sistematização.

Tempo: 15 minutos

Fazer um intervalo

Tempo: 15 minutos.

Assessor/a: Após o intervalo, em plenária, procurar refletir com a equipe sobre as questões trazidas pelos grupos, observando a ordem de importância que têm para a realização da missão da comunidade e em relação à sua identidade. Pode haver divergência sobre alguma questão, por exemplo, se é ponto forte ou ponto fraco, mas a equipe deve procurar chegar a um consenso. Ao final desta atividade, ela deverá poder visualizar pelo menos quatro questões mais importantes para cada um dos itens propostos.

É importante verificar se os aspectos listados como pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades são realmente fatores determinantes ou se já são consequências de outros fatores. Por exemplo: a "falta" de alguma coisa decorre de um outro fator que precisará ser buscado perguntando-se a razão daquela falta, de onde virá o ponto que se quer destacar.

Tempo: 45 minutos.

C) Encerramento

Assessor/a: Apresentar as quatro questões mais importantes de cada item, lembrando que no próximo passo elas serão cruzadas umas com as outras para saber-se quais são predominantes em relação às demais.

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.

Impulsos para a meditação:

No que o texto nos ajuda a pensar sobre nossas fraquezas e nossas forças e sobre as oportunidades e ameaças à comunidade? Que impulsos o texto nos oferece para o planejamento missionário?

É importante verificar se os aspectos listados como pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades são realmente fatores determinantes ou se já são consequências de outros fatores.



4º Passo

Interpretando os dados e estabelecendo prioridades

Objetivo: Fazer o cruzamento das forças e das fraquezas bem como das oportunidade e das ameaças entre si usando a Matriz de Impactos Cruzados

Material necessário: As tarjetas da reunião anterior com as quatro questões mais importantes; uma folha de papel de embrulho do tamanho de uma parede, onde se possa desenhar a matriz de impactos cruzados (*Formulário 7*) (alternativamente, pode-se projetar com *datashow* ou distribuir aos participantes a matriz em folha de ofício de modo que cada qual possa acompanhar a tarefa); canetas hidrocor de cores diferentes; fita crepe, um varal e grampos de roupa.

Observação: A Matriz de Impactos Cruzados permite observar como pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças se relacionam uns com os outros, mostrando qual afeta o quê. Cada uma das listas do passo anterior (*passo 3*) deve ser arrumada por ordem de importância, ou seja, do ponto forte mais relevante para a comunidade ao menos relevante, da fraqueza que mais atrapalha a comunidade até aquela que, embora seja uma fraqueza, não a atrapalhe tanto. Assim também em relação às ameaças e às oportunidades. O critério para escolha das variáveis mais importantes é dado pela missão, visão e objetivo geral do PAMI. Ou seja, importa ficar com as variáveis que respondam diretamente à missão, visão e objetivo geral definidos no planejamento.

Esta definição de importância deve ser feita em conjunto e sobre cada item deve haver consenso. É preciso atentar, também, que muitas vezes o que é uma ameaça para um constitui uma oportunidade para outro e o que pode ser considerado um ponto forte pode ser um ponto fraco, dependendo do ponto de vista e das relações de uns com os outros. Esta é uma tarefa que exige muita paciência e cooperação e para a qual é preciso que todas as pessoas do grupo estejam dispostas a rever as suas certezas em cada momento da atividade. É preciso, finalmente, fazer escolhas e deixar de fora os aspectos de menor importância.

Roteiro do encontro:**A) Abertura:**

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes

Fazer o cruzamento das forças e das fraquezas bem como das oportunidade e das ameaças entre si usando a Matriz de Impactos Cruzados

A Matriz de Impactos Cruzados permite observar como pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças se relacionam uns com os outros, mostrando qual afeta o quê.



Impulsos para a meditação:

Onde percebemos no texto as relações entre pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças? Como a comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus respondeu àquela situação? Como o texto nos ajuda em nosso planejamento missionário?

Para desenvolver as ações estratégicas dentro dos objetivos do PAMI, convém que a equipe identifique em quais das quatro dimensões missionárias as questões do diagnóstico se encaixam: na Evangelização, na Comunhão, na Diaconia ou na Liturgia. Também é necessário identificar se tais questões se referem a área da formação de pessoas, da comunicação ou da sustentabilidade.

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferecer a oportunidade ao grupo para compartilhar preocupações e alegrias pessoais e como estão avaliando a sua participação na atividade de planejamento.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Retomar as principais questões acumuladas dos passos anteriores e expor o objetivo deste passo.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler o texto de Marcos 6.30-44 e conversar a respeito.

5. Oração:**B) Desenvolvimento da atividade:**

Tempo aproximado: 90 minutos

Assessor/a: Revisar com a equipe os elementos da matriz, confirmando se a ordem estabelecida no passo anterior permanece ou se entendem que houve alguma mudança.

Deixar bem claro para a equipe como a matriz de impactos cruzados deverá ser preenchida.

Formar grupos com três a quatro pessoas para que façam uma primeira tentativa de identificar quais são os itens que predominam sobre os demais na matriz.

Tempo: 30 minutos.

Assessor/a: Preencher a matriz de impactos cruzados com base no que os grupos anotaram, buscando estabelecer os consensos onde houver divergências (pode-se começar pelos pontos em que haja concordância).

Tempo: 15 minutos

3. Fazer um intervalo

Tempo: 15 minutos.

Assessor/a: Após o intervalo, se a matriz estiver preenchida, a equipe poderá reordenar a lista das questões da mais importante a menos importante, de tal modo que a partir delas se possa, no passo seguinte, definir as ações estratégicas prioritárias. Para desenvolver as ações estratégicas dentro dos objetivos do PAMI, convém que a equipe identifique em quais das quatro dimensões missionárias as questões do diagnóstico se encaixam: na Evangelização, na Comunhão, na Diaconia ou na Liturgia (ver o caderno *Plano de Ação Missionária da IECLB - Linhas mestras do Plano Operacional*). Também é necessário identificar se tais questões se referem a área da formação de pessoas, da comunicação ou da sustentabilidade.

Tempo: 30 minutos.

C) Encerramento

Assessor/a: Relembrar as questões mais importantes eleitas pela equipe a partir da Matriz de Impactos Cruzados, assinalando que no próximo passo elas serão usadas para estabelecer as ações estratégicas do plano operacional.

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.



5º Passo

Elaborando as ações estratégicas

Objetivo: Elaborar as ações estratégicas da comunidade tendo por base o diagnóstico e os elementos da Matriz de Planejamento do PAMI.

Material necessário: Cópia para os participantes com as conclusões do encontro anterior; cópia da Matriz de Planejamento do PAMI (*Formulários 8, 9, 10 e 11*) com os objetivos específicos; folha de papel de embrulho (alço) do tamanho de uma parede (alternativamente, pode-se projetar com datashow), com uma planilha onde constam cada um dos objetivos do PAMI; folhas de ofício; canetas hidrocor de cores diferentes; fita crepe, um varal e grampos de roupa.

Elaborar as ações estratégicas da comunidade tendo por base o diagnóstico e os elementos da matriz de planejamento do PAMI.

Observação: A atividade deste passo é eleger quais são as ações estratégicas que a comunidade vai planejar para responder aos desafios que o diagnóstico apontou. A proposta do PAMI é que a comunidade possa definir ações estratégicas em consonância com as dimensões da missão da IECLB. E para que se contemplem também os eixos transversais – formação, sustentabilidade e comunicação – as ações estratégicas poderiam ser enquadradas nestes eixos. Na evangelização, por exemplo, a comunidade poderá planejar ações estratégicas na área da formação, da comunicação e da sustentabilidade (gestão, etc.). Outras áreas também poderão ser contempladas, se a comunidade entender que sejam necessárias. (*Ver os documentos Texto-Base e Linhas Mestras do Plano Operacional do PAMI*)

Roteiro do encontro:

A) Abertura:

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferecer a oportunidade do grupo compartilhar preocupações e alegrias pessoais e que expectativas têm para a atividade.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Retomar as principais questões acumuladas dos encontros anteriores e expor o objetivo deste passo.



Impulsos para a meditação:

O que o texto nos diz sobre a relação entre o que Deus faz e o nosso trabalho? Como o texto nos ajuda nesta etapa de nosso planejamento missionário? Que coisas dependem de Deus e que coisas dependem de nós? Compare o texto com 1 Co 15.58.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler o texto de Salmos 127.1-2 e conversar a respeito.

5. Oração:**B) Desenvolvimento da atividade:**

Tempo aproximado: 120 minutos

Assessor/a: Rever com a equipe os resultados apresentados na Matriz de Impactos Cruzados

Apresentar os objetivos específicos do PAMI e explicar como pode-se relacionar o diagnóstico com a Matriz de Planejamento do PAMI.

Formar grupos com três a quatro pessoas para que façam uma primeira tentativa de elaborar ações estratégicas para a comunidade a partir do diagnóstico, colocando-as dentro das quatro dimensões do PAMI. Depois identificar se estas ações são na área da formação, da comunicação ou da sustentabilidade. Pedir que anotem em tarjetas.

Tempo: 45 minutos.

4. Durante o intervalo, colar as tarjetas no papel almaço de acordo com os objetivos do PAMI.

Tempo: 15 minutos

Assessor/a: Após o intervalo, a equipe irá conversar sobre as proposições dos grupos, buscando selecionar as ações estratégicas, reescrevendo-as, quando for o caso, e eliminando as que já estejam contempladas em outro espaço. Cada nova formulação deve ser escrita na tarjeta e colocada no lugar daquela que foi substituída. O exercício deve ser feito até que o grupo tenha estabelecido os consensos a respeito das ações que irão desenvolver.

Tempo: 60 minutos.

C) Encerramento

Assessor/a: Mostrar as ações estratégicas definidas e lembrar que, no próximo passo, a tarefa é definir as atividades que deverão ser realizadas para que as ações estratégicas tenham efeito, bem como o público-alvo, o prazo, os recursos e as pessoas responsáveis.

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.

No próximo passo, a tarefa é definir as atividades que deverão ser realizadas para que as ações estratégicas tenham efeito, bem como o público-alvo, o prazo, os recursos e as pessoas responsáveis.



6º Passo

Definindo atividades, prazos,
responsabilidades e recursos

Objetivo: Definir as atividades, os prazos, as responsabilidades e os recursos para operacionalizar as ações estratégicas da comunidade.

Material necessário: Cópia para as pessoas participantes da planilha com as ações estratégicas elaboradas para cada um dos objetivos (alternativamente pode-se expor a planilha através de um cartaz ou projetar com datashow); folhas de ofício; canetas hidrocor de cores diferentes; fita crepe, um varal e grampos de roupa.

Observação: A atividade deste passo consiste de relacionar as atividades, ou seja, as tarefas que a comunidade terá de realizar para completar as suas ações estratégicas, bem como alcançar seus objetivos. As atividades são tantas quantas são necessárias. Também deve-se estabelecer o prazo para a realização, os recursos necessários (humanos, financeiros, estruturais, etc.) e as pessoas responsáveis pelas tarefas (ou seja, aquelas que devem responder pela realização ou não das atividades).

Roteiro do encontro:**A) Abertura:**

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferecer a oportunidade do grupo compartilhar preocupações e alegrias pessoais e como cada qual está disposto ou disposta a comprometer-se com a realização do plano.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Retomar as ações estratégicas definidas no passo anterior e expor o objetivo deste passo. É possível também dar a oportunidade para avaliar se as ações definidas e sua ordem permanecem como consenso do grupo.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler o texto de Isaías 6.8 e conversar a respeito.

5. Oração

Definir as atividades, os prazos, as responsabilidades e os recursos para operacionalizar as ações estratégicas da comunidade.

Impulsos para a meditação:

O texto provoca alguma reação, algum sentimento, ou alguma resistência? Como podemos responder ao chamado de Deus hoje? Quem está disposto ou disposta a responder: "eis-me aqui, envia-me a mim"?



B) Desenvolvimento da atividade:

Tempo aproximado: 90 minutos

Assessor/a: Formar grupos com três a quatro pessoas para que façam uma primeira tentativa de elaborar as atividades que correspondem a cada um dos objetivos e dentro dos eixos transversais (formação, comunicação e sustentabilidade). Como alternativa, pode-se dividir a equipe por objetivos, cabendo a cada grupo listar as atividades correspondentes e por ordem cronológica. Pedir que anotem em tarjetas ou na planilha que receberam.

Tempo: 45 minutos.

Assessor/a: Durante o intervalo, colar as tarjetas no papel almaço de acordo com os objetivos do PAMI.

Tempo: 15 minutos

Assessor/a: Após o intervalo, a equipe vai conversar sobre as proposições dos grupos, buscando selecionar as atividades, reescrevendo-as, quando for o caso, e buscando os consensos a respeito delas.

Assessor/a: Completar o quadro com o prazo, recursos e responsáveis.

Tempo: 45 minutos.

C) Encerramento

Mostrar o quadro completo e lembrar que no próximo passo a tarefa é definir os indicadores (ganchos) que permitem a avaliação e o monitoramento das atividades.

Assessor/a: Mostrar o quadro completo e lembrar que no próximo passo a tarefa é definir os indicadores (ganchos) que permitem a avaliação e o monitoramento das atividades.

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.



7º Passo

Avaliando e definindo modos de monitoramento do plano

Objetivo: Definir os indicadores de avaliação e de monitoramento do plano.

Material necessário: Cópia para os participantes da planilha completa de ações estratégicas e de atividades (alternativamente pode-se expor a planilha através de um cartaz ou projetar com datashow); folhas de ofício; canetas hidrocor de cores diferentes; fita crepe, um varal e grampos de roupa.

Definir os indicadores de avaliação e de monitoramento do plano.

Observação: A atividade deste passo consiste em elaborar para cada atividade e para cada ação estratégica as condições de avaliação do sucesso ou não do plano. Faz-se isso redigindo indicadores que se expressam na forma de índices, como por exemplo: para a atividade de "visitar os membros da comunidade", o indicador será "ter visitado pelo menos X famílias ou tantos por cento, etc". Ou seja, o indicador deve estabelecer critérios realistas sobre as medidas que possam confirmar o sucesso ou não de uma atividade ou ação estratégico. (Veja tabela para avaliação permanente do Planejamento Estratégico – *Formulário 12*).

Roteiro do encontro:

A) Abertura:

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Oferecer a oportunidade do grupo compartilhar preocupações e alegrias pessoais e sobre como se sente quando está sob avaliação.

3. Exposição dos objetivos:

Coordenador/a: Retomar a planilha completa e expor o objetivo deste passo.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler o texto de Romanos 12.2 e conversar a respeito.

5. Oração

Impulsos para a meditação:

O texto provoca alguma reação, algum sentimento, ou resistência? Que relação se pode fazer entre o texto e os processos de avaliação? O que avaliar tem a ver com transformação? Há algum desafio que queremos levar em conta enquanto realizamos o planejado?



B) Desenvolvimento da atividade:

Tempo aproximado: 90 minutos

Assessor/a: Elaborar os indicadores de avaliação para cada atividade e ação estratégica proposta

Tempo: 30 minutos.

Intervalo

Tempo: 15 minutos

Assessor/a: Após o intervalo, continuar a elaborar os indicadores de avaliação para cada atividade e ação estratégica proposta

Tempo: 30 minutos.

Assessor/a: Escolher dentre as pessoas participantes duas a três para realizar o monitoramento do plano e seu acompanhamento, estabelecendo os intervalos de tempo para a avaliação da execução do plano.

Tempo: 15 minutos

Escolher dentre as pessoas participantes duas a três para realizar o monitoramento do plano e seu acompanhamento, estabelecendo os intervalos de tempo para a avaliação da execução do plano.

C) Encerramento

Assessor/a: Mostrar o quadro completo e lembrar que o próximo passo é para celebrar.

Coordenador/a: Oportunizar um espaço para uma breve avaliação da atividade.

Coordenador/a: Despedir com uma oração e uma bênção.



8º Passo Celebrando

Objetivo: apresentar o plano operacional à comunidade e celebrar em ação de graças o trabalho realizado, intercedendo em favor de seus frutos para a comunidade.

Material necessário: Bíblia, hinário, e o plano operacional. O grupo pode escolher um símbolo que represente o trabalho realizado de tal modo que toda a comunidade se sinta comprometida. Uma sugestão é que seja uma semente, que os membros levam para casa, semeiam e cuidam para que se desenvolva como o plano missionário da comunidade. Ou pode-se plantar uma árvore no pátio da comunidade ou numa praça como gesto de compromisso e de desejo de ver a comunidade crescer e frutificar. Cada comunidade pode escolher o símbolo que melhor expresse o desejo da comunidade com o seu planejamento. Fazer uma ata com o histórico do processo de planejamento, incluindo as planilhas do plano operacional da comunidade e entregar uma cópia a cada membro para que possa acompanhar a execução do plano.

Observação: Este momento é celebrativo. Sugere-se que ele se realize durante o ofício do culto comunitário, em um momento especial. Após o culto, o grupo e a comunidade podem partilhar uma refeição conjunta.

Roteiro do encontro:

A) Abertura:

Tempo estimado: 15 minutos

1. Acolhida:

Coordenador/a: Dar as boas vindas a todas as pessoas presentes

2. Compartilhar:

Coordenador/a: Contar como foi o processo de elaboração do planejamento missionário e o que ele representa para a comunidade.

4. Leitura bíblica:

Coordenador/a: Ler o Salmo 19.1-14.

5. Oração

6. Liturgia do Culto

Apresentar o plano operacional à comunidade e celebrar em ação de graças o trabalho realizado, intercedendo em favor de seus frutos para a comunidade.



Celebração de Encerramento

Acolhida

D.: “As pessoas podem fazer seus planos, porém é o Deus Eterno quem dá a última palavra” (Pr 16.1). No final destes encontros de planejamento de nossa ação missionária, queremos ficar bem unidos/as e nos colocarmos diante de Deus que vem ao mundo com a missão de salvar a todas as suas criaturas. Queremos pedir sua orientação e ouvir sua Palavra que nos desafia para a missão no mundo.

Canto inicial: Bom é estarmos unidos (cantiga de roda – de mãos dadas)

*Bom é estarmos unidos em comunhão e amor. (grupo anda para a direita)
Nesta fraterna família dos filhos do Senhor (grupo anda para a esquerda)
Lá, lá, lá, lá, lá (grupo anda para o centro)
Lá, lá, lá, lá, lá (grupo retorna para o lugar de origem)*

Saudação

D.: Nos reunimos neste momento de encerramento deste processo de planejamento em nome e na presença do trino Deus: o criador, salvador e consolador.

T.: Amém.

Salmo responsorial: Sl 127. 1-2

D.: Ao encerrarmos este tempo de partilha e construção deste planejamento de nossa ação missionária, devemos lembrar que

1. Se o Senhor não edificar a casa em vão trabalham os que a edificam;
2. se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.
 1. Inútil vos será levantar de madrugada,
 2. repousar tarde,
 1. comer pão que penosamente granjeastes;
 2. Aos seus amados ele o dá enquanto dormem.

Canto

Oração

1ª Leitura bíblica

L.: Deus nos convida para participar de sua missão no mundo. A cada um/a de nós concedeu diferentes dons que, quando postos em prática, revelam a grandiosidade da ação graciosa de Deus dentro de sua criação. Paulo fala sobre isso na carta aos Romanos, onde diz que a comunidade de Cristo é como um corpo composto de muitas partes. Cada um/a de nós, como parte deste corpo, tem sua função e pode, com paixão, se integrar na missão de Deus.

Leitura de Romanos 12.3-8

T.: (Canto) *Senhor que tua palavra transforme a nossa vida
/: Queremos caminhar com retidão na tua luz.:/*

Leitura do Evangelho

L.: O envolvimento na missão de Deus exige de nós desprendimento, entrega, paixão e coragem para carregar a cruz. Isso é o que Cristo nos diz no Evangelho que leremos agora. Além disso, precisamos planejar afim de que possamos concluir aquilo que nos propomos. Quando isto não acontece, podemos ficar no meio do caminho. Saudemos o Evangelho cantando aleluia!



T.: (Canto) *Ale, ale, ale luya (3x)*
Aleluya, aleluya.

Leitura de Lc 14. 25-33

Canto

Prédica/Reflexão

Canto

Oração final

D.: Oremos ao bondoso e misericordioso Deus, pedindo por sua ação em nosso meio.

L1.: Amado Deus, agradecemos por este tempo de reflexão sobre nossa caminhada como comunidade cristã e pela capacidade e criatividade que nos concedeste para planejar nossas ações que visam continuar a tua missão. Colocamos em tuas mãos tudo que fizemos e pedimos que nos conceda forças para cumprir o que planejamos. Ouve nossa oração!

T.: (Canto) *:/ Ouve nossa oração e atende a nossa súplica.:/*

L2.: Intercedemos por nossa Igreja para que siga testemunhando o Evangelho e servindo às pessoas que necessitam de atenção e cuidado. Estimula e capacita suas lideranças e todos os membros para que construam comunidades alegres e acolhedoras. Ouve nossa oração!

T.: (Canto) *:/ Ouve nossa oração e atende a nossa súplica.:/*

L3.: Pedimos que sigas tua missão neste mundo e que a mensagem de vida, libertação e salvação, trazida por teu Filho Jesus Cristo, alcance cada vez mais pessoas. Que nossas ações missionárias contribuam para que a justiça e a paz se façam presentes em nosso meio. Ouve nossa oração!

T.: (Canto) *:/ Ouve nossa oração e atende a nossa súplica.:/*

D.: Os demais pedidos e agradecimentos incluímos na oração que Teu Filho nos ensinou.

T.: Pai nosso...

Benção e envio

D.: Que Deus, o criador e doador da vida, abençoe-nos e capacite-nos para seguirmos sua missão neste mundo. Que Cristo, o Salvador e libertador, estimule-nos a testemunhar o Evangelho de vida para todas as pessoas. Que o Espírito Santo, o consolador e animador da comunidade de fé, acompanhe-nos e nos encoraje para a ação transformadora.

T.: Amém.

D.: Vamos em paz e sirvamos com alegria e paixão na missão de Deus.

T.: Demos graças a Deus.

Canto final



Materiais de Apoio
 Formulário 1 - Primeiro Passo

A - Refletindo sobre a nossa identidade como comunidade

A1 - Quem somos nós? Que Comunidade somos?
(expressar com palavras próprias, o que caracteriza a comunidade)

A2 - Quem somos nós? > O que os outros dizem que somos?

(Se na questão acima estávamos falando de nossas próprias percepções sobre a comunidade, agora trata-se de aguçar o ouvido para ouvir o que os outros dizem de nossa comunidade no contexto onde atuamos. Podem ser outras pessoas de nosso convívio que não são membros, como também instituições, entidades, etc. com as quais a comunidade convive na localidade)

A3 - Quem somos nós? > Que comunidade queremos, podemos e somos desafiados a ser?
(anotar as expectativas)



Materiais de Apoio

Formulário 2 - Segundo Passo

A missão da Comunidade _____ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é propagar o Evangelho de Jesus Cristo, estimulando a sua vivência pessoal na família e na comunidade e promovendo a paz, a justiça e o amor na sociedade brasileira e no mundo.

Pergunta orientadora: Como esta afirmação desafia a nossa comunidade (expor com palavras próprias e anotar as contribuições)?

A visão Comunidade _____ da IECLB

Ser reconhecida como comunidade atrativa, inclusiva e missionária, que atua em fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo, destacando-se pelo testemunho do amor de Deus, pelo serviço em favor da dignidade humana e pelo respeito à criação.

Pergunta orientadora: Como esta afirmação desafia a nossa comunidade (expor com palavras próprias e anotar as contribuições)?

Objetivo geral do PAMI

Ampliar e consolidar a ação missionária da IECLB.

Pergunta orientadora: Como podemos ampliar e consolidar a ação missionária da nossa comunidade (expor com palavras próprias e anotar as contribuições)?

Valores da Comunidade

Como Comunidade da IECLB, temos princípios e valores que são inegociáveis, pelos quais vive e dos quais não abre mão.

Pergunta orientadora: Quais são os valores da comunidade (expor com palavras próprias e anotar as contribuições)?



Materiais de Apoio

Resolução 093/2009 CI - Segundo Passo

093/2009 – substitui a Resolução 086/09

Estabelece diretrizes para a implementação do PAMI e dá outras providências.

O Conselho da Igreja, em atendimento às determinações do XXVI Concílio, através da presente Resolução, estabelece as diretrizes para a implementação do PAMI de acordo com as seguintes disposições:

Art. 1º. A implementação do Plano de Ação Missionária da IECLB – PAMI, acolhido pelo XXVI Concílio, realizado em Estrela-RS em outubro de 2008, é tarefa das Comunidades, Paróquias e Sinodos e da própria IECLB.

Art. 2º. Caberá à Presidência da IECLB a supervisão da implementação do PAMI em toda a Igreja, mediante a designação de Coordenador, homologado pela Diretoria do Conselho da Igreja, a quem caberá acompanhar as Diretorias Sinodais no planejamento, execução e monitoramento dos programas de ação missionária em nível sinodal.

Art. 3º. Caberá à Presidência da IECLB constituir grupo de trabalho integrado por membros de Comunidades com conhecimento em planejamento, preparando-os para a realização de seminários em nível sinodal, visando o treinamento de líderes e monitores, com a função de orientar as Paróquias e Comunidades na implementação de seus planos de ação missionária.

Parágrafo único. As despesas decorrentes da realização do seminário nacional deverão ser cobertas com recursos da Campanha Nacional de Ofertas para a Missão; as decorrentes dos seminários sinodais deverão ser cobertas pelos próprios sinodos, com o auxílio do Fundo de Solidariedade dos Sinodos (FSS) para aqueles que, comprovadamente, não tenham condições financeiras próprias.

Art. 4º. Caberá aos Sinodos, com a assistência do Coordenador designado pela Presidência, planejar e coordenar a ação missionária a ser implementada pelas Comunidades na área de sua abrangência, mediante estabelecimento de cronograma pelo seu Conselho Sinodal, para que, até o fim do ano de 2012, pelo menos 1/3 (um terço) das Comunidades do Sinodo tenham estabelecido e estejam executando seus planos de ação missionária.

Art. 5º. Caberá às Paróquias, em obediência às diretrizes e cronograma estabelecidos pelo Sinodo, a coordenação da ação missionária das suas Comunidades, bem como a supervisão da sua execução.

Art. 6º. Caberá a todas as Comunidades filiadas à IECLB, sob a coordenação do respectivo Conselho Paroquial, proceder a avaliações anuais, sempre no primeiro quadrimestre, que visem identificar o bom e fiel exercício do sacerdócio geral por parte dos seus membros, bem como quanto ao seu reconhecimento como Comunidade missionária, atrativa, inclusiva, cuidadora e evangelizadora, mediante o preenchimento dos formulários, conforme os modelos representados pelos Anexos I, II e III desta Resolução.

§ 1º. As avaliações a que se refere este artigo deverão ser procedidas pelo Presbitério da Comunidade, repassando os formulários devidamente preenchidos ao Conselho Paroquial até o dia 31 de maio de cada ano.

§ 2º. Antes das avaliações pelo Presbitério, é recomendável a consulta aos membros da Comunidade e aos seus setores de trabalho e também a destinação de um culto no mês de março de cada ano, com pregação sobre os itens a serem avaliados e referidos neste artigo.

§ 3º. Caberá às Paróquias tabular os quadros estatísticos recebidos das Comunidades e encaminhá-los até o dia 15 de junho de cada ano ao Sinodo, que procederá à tabulação em nível sinodal, encaminhando-a à Secretaria Geral até o dia 30 de junho de cada ano.

Art. 7º. O Pastor Presidente da IECLB, por proposta do Coordenador, expedirá ato criando formulários para servirem de orientação aos membros do Grupo de Trabalho para a capacitação de lideranças das Paróquias e Comunidades que tenham sido designadas pelo Sinodo para elaboração e implementação de um plano de ação missionária.

Parágrafo único – Juntamente com a capacitação a que se refere este Artigo, deverão ser capacitadas lideranças em nível sinodal, designadas pela Diretoria do Conselho do respectivo Sinodo, com a função de monitoramento da execução dos planos de ação missionária das Comunidades do Sinodo.

Art. 8º. Para o aperfeiçoamento do processo de autoavaliação de suas Comunidades, os Conselhos Sinodais ficam autorizados a acrescentar itens aos Anexos desta Resolução.

Art. 9º. Os formulários representados pelos Anexos I, II e III passarão a ter vigência a partir de 1º de janeiro de 2010 e substituem os modelos vigentes anteriormente.

Art. 10. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação no Boletim Informativo da IECLB.



Orientações para preenchimento do formulário (Anexo I da Res. 093/2009) estatístico da IECLB

Membros

1.Total de membros: Não informe apenas titulares, e sim o número total de pessoas batizadas, incluindo pai e mãe, filhos e dependentes, solteiros e solteiras.

2.Total de contribuintes: informe o total de contribuintes. Nas situações em que apenas uma pessoa da família é contribuinte, geralmente o titular, some o número de pessoas pelas quais ele contribui.

3.Total de membros que poderiam ser contribuintes, mas não contribuem: informe o total de membros que estariam em condições de contribuir, mas não o fazem por alguma razão.

Admissões

4.Membros vindos de outras paróquias da IECLB: Informe o número de pessoas que se filiaram, vindas de outras paróquias da IECLB, em que já eram membros de uma das comunidades.

5.Pessoas vindas de outras Igrejas ou por profissão de fé: Informe o número de pessoas que se filiaram vindas de outra igreja ou religião, ou que estavam sem igreja e fizeram profissão de fé.

6.Quantas pessoas do item anterior ingressaram por ocasião da bênção matrimonial: Informe o total de pessoas que se filiaram a partir da bênção matrimonial e casamento, e que anteriormente estavam filiadas a outra igreja ou confissão religiosa.

7.Transferências: Informe o número de pessoas que saíram para ingressar em Comunidades de outras Paróquias da IECLB.

8.Desligamentos: Informe o total de pessoas que se desligaram para ingressar em outra igreja ou confissão religiosa, p.ex. por casamento. Acrescente a esse número o total de pessoas que saíram sem se manifestar ou por motivo ignorado.

Cultos

9.Cultos com Santa Ceia: Informe o total de Cultos com Santa Ceia realizados durante o ano, incluindo eventuais cultos ecumênicos, desde que realizados em templo da IECLB.

10.Cultos sem Santa Ceia: Informe o total de Cultos sem Santa Ceia realizados durante o ano, incluindo eventuais cultos ecumênicos, desde que realizados em templo da IECLB.

11.Total de Locais de Culto: Informe o total de locais em que são realizados regularmente cultos. Inclua, se for o caso, salões e casas particulares.

12.Participação nos cultos: Informe a média mensal de participantes nos cultos. Para obter esse resultado some todos os participantes dos cultos durante o mês e no final do ano some todos os meses, dividindo o total por 12. Não informe percentual, pois não será considerado.

Ofícios

13.Batismos: Informe o total de pessoas batizadas no ano, de acordo com o registro no livro de registro de ofícios.

14.Confirmações: Informe o total de pessoas confirmadas no ano.



15. Bênçãos matrimoniais: Informe o total de bênçãos matrimoniais realizadas durante o ano, de acordo com o registro no livro de registro de ofícios. Não incluir “casamentos ecumênicos” realizados em templo de outra religião ou igreja e oficiados por religioso desta, nas quais o obreiro da IECLB atuou apenas como visitante ou auxiliar.

16. Sepultamentos: Informe o total de pessoas sepultadas no ano, de acordo com o registro no livro de registro de ofícios. Inclua nas observações, quando for o caso, o total de sepultamentos de pessoas não-membros.

Grupos e Iniciativas:

Observe que para cada item há três informações a serem preenchidas.

Na coluna total de grupos ou iniciativas, informe o total de grupos com encontros regulares e de iniciativas organizadas, que existem na área mencionada.

Na coluna nº de encontros no ano informe o total de encontros realizados durante o ano. Caso não tenha essa informação registrada, informe isto nas observações, mas já preveja a necessidade dessa informações junto aos coordenadores.

Na coluna nº médio de participantes por encontro, informe o número aproximado de pessoas que participam, incluindo os coordenadores e orientadores.

17. Refere-se às crianças que se reúnem no Culto Infantil ou na Escola Dominical. Caso a reunião aconteça em várias turmas ou grupos, contar cada uma como um grupo.

18. Refere-se aos adolescentes que recebem Ensino Confirmatório. Se numa comunidade há mais de uma turma, 1º e 2º ano, p. ex., contar cada ano como uma turma.

19. Refere-se a grupos de jovens que se reúnem, inclusive os grupos de adolescentes (12 a 15 anos).

20. Refere-se aos grupos de OASE

21. Refere-se a grupos e trabalhos com mulheres na comunidade que não adotaram a designação de OASE.

22. Refere-se a atividade dirigida exclusivamente a homens, p. ex. Legião Evangélica.

23. Refere-se a todos grupos e atividades relacionadas à família, como Encontros de Casais, Grupo de Famílias.

24. Refere-se a grupos e trabalhos com Singulares, isto é, pessoas solteiras, viúvas ou descasadas.

25. Refere-se a todos grupos e atividades relacionadas à Terceira Idade, como grupos de encontro, dança sênior, atividades regulares em ancionatos.

26. Refere-se aos grupos regulares de estudo da Bíblia, cursos de introdução à Bíblia, curso básicos de fé.

27. Refere-se a todas as iniciativas na área da música ligados à vida comunitária, como Coral, grupos de canto, grupos de música instrumental.

28. Refere-se aos grupos que visitam membros, pessoas doentes, pessoas afastadas, idosas ou necessitadas.

29. Refere-se a iniciativas regulares na área de Crianças e Pessoas necessitadas, de distribuição de refeições, roupas ou alimento, capacitação e conscientização, defesa dos direitos humanos.

30. Refere-se a todas iniciativas regulares na área da saúde, orientação alimentar, farmácia caseira, pessoas com deficiência, pessoas com dependência química, saúde bucal, prevenção de doenças.

31. Refere-se a grupos que se reúnem regularmente para oração.

32. Refere-se a atividades ou grupos de Liturgia que se reúnem regularmente.

33. Outros. Quais?

34. Outros. Quais?

35. Outros. Quais?

36. Se for o caso, informar quantos Pontos de Pregação a Comunidade possui.



Materiais de Apoio
 Formulário 3 - Terceiro Passo

 IGREJA EVANGELICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL Anexo I - Estatística COMUNIDADE - ref ano base 2009 <i> Parte integrante da Resolução 093/2009 do Conselho da Igreja (IECLB)</i>	
Comunidade	
Paróquia	
Sínodo	

		Grupos e iniciativas	Total de grupos ou iniciativas	Nº de encontros no ano	Nº médio de participantes por encontro
Membros	1. Total de Membros: todas as pessoas batizadas (filiares e dependentes). Situação em 31/12				
	2. Total de Membros: <i>CONTRIBUINTES</i> (filiares e dependentes). Situação em 31/12	17. Área do Culto Infantil			
	3. Total de Membros que poderiam ser contribuintes, mas não contribuem	18. Área do Ensino Confirmatório			
Admissões	4. Membros vindos de outras paróquias da IECLB	19. Área da Juventude			
	5. Pessoas vindas de outras igrejas ou por profissão de fé	20. OASE			
	6. Quantas pessoas do item anterior ingressaram por ocasião da bênção matrimonial	21. Outros Trabalhos com Mulheres			
	7. Total de membros transferidos para outra paróquia da IECLB (durante o ano)	22. Trabalhos com Homens			
	8. Total de Desligamentos de membros (membros que ingressaram em outra igreja ou saíram por motivo ignorado)	23. Trabalhos com Casais / Famílias			
		24. Trabalhos com Singulares			
		25. Área da Terceira Idade			
		26. Estudo Bíblico / Curso Bíblico			
Cultos	9. Total de Cultos no ano com Santa Ceia	27. Coral/Canto e Música Instrumental			
	10. Total de Cultos no ano sem Santa Ceia	28. Visitação			
	11. Total de locais de Cultos	29. Área de Crianças Necessitadas			
	12. Nº médio de participantes por culto (indique número, não percentual)	30. Área da Saúde			
Ofícios	13. Total de Batismos realizados durante o ano	31. Grupos de Oração			
	14. Total de Confirmações realizadas durante o ano	32. Área da Liturgia			
	15. Total de Benções Matrimoniais realizadas durante o ano	33. Outros <small>quais?</small>			
	16. Total de Sepultamentos realizados durante o ano	34. Outros <small>quais?</small>			
		35. Outros <small>quais?</small>			
		36. A Comunidade possui Pontos de Pregação?		Quantos?	

Observações:

Localidade:		Nome e cargo do responsável pelo preenchimento
Data:		Nome e/ou Assinatura do Presidente
		Nome e/ou Assinatura do Coordenador Ministerial



Materiais de Apoio
Formulário 4 - Terceiro Passo

IGREJA EVANGELICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
Anexo II C - Patrimônio e Finanças da Comunidade - ref ano base **2009**
Parte integrante da Resolução 093/2009 do Conselho da Igreja (ECLB)

Comunidade: _____
Paróquia: _____
Sínodo: _____

Nome completo da Comunidade, conforme registrado no estatuto: _____
Data do registro da última alteração do estatuto: _____

Nome do Presidente: _____
Mandato do Presidente: De: _____ Até: _____

Tipo do patrimônio	Total de imóveis	Total de imóveis legalizados e/ou não legalizados	
		Legalizado (*)	Não Legalizado
Templo / Igreja			
Centro Comunitário			
Casa pastoral (ministerial)			
Outros imóveis			

(*) Quando possuir escritura, registro de imóveis, averbação das construções, habite-se, licença de funcionamento, alvará do corpo de bombeiros (quando exigido), registrado em nome da pessoa jurídica.

FINANÇAS

Orçamento planejado	
Orçamento realizado	
Total das contribuições dos membros	
Total da receita com promoções	
Total da receita com aluguéis (quando for o caso)	
Total da receita de parceiros / auxílios do exterior (quando for o caso)	
Total da receita recebida de Poderes Públicos	
Outras receitas	
Caso apoie projeto missionário, informe o percentual da receita própria investida no mesmo	

Observações: _____

Localidade: _____
Data: _____

Nome e cargo do responsável pelo preenchimento: _____
Nome e/ou Assinatura do Presidente: _____
Nome e/ou Assinatura do Coordenador Ministerial: _____



Material de Apoio
Formulário 5 - Terceiro Passo

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
Anexo III - Auto-Diagnóstico Anual de Comunidade

Parte integrante da Resolução 093/2009 do Conselho da Igreja (IECLB)

Comunidade:			
Paróquia:			
Sínodo:			
Período da auto-avaliação	mês:		ano:

Considerando o texto-base do PAMI

**– Plano de Ação Missionária da IECLB – Missão de Deus, Nossa Paixão
– e suas quatro Dimensões:**

- 1 – Evangelização – o testemunho missionário da fé;
- 2 – Comunhão – a vivência do Corpo de Cristo;
- 3 – Diaconia – o agir restaurador e curador da comunidade;
- 4 – Liturgia – a celebração do amor de Deus,

e os três eixos transversais: Formação, Sustentabilidade e Comunicação,

Como o Presbitério percebe a Comunidade quanto aos seguintes itens:

(marque sua resposta com X)

	Bom	Poderia ser melhor
1 – o zelo na fidelidade ao Evangelho e no testemunho do amor de Deus, em conformidade com a confissão da IECLB		
2 – o cuidado com os seus membros:		
3 – a acolhida e acompanhamento dos membros recém chegados:		
4 – a forma acolhedora de seus cultos:		
5 – os programas de ação missionária para dentro da Comunidade:		
6 – os programas de ação missionária para além da Comunidade:		
7 – a participação dos membros nas atividades da Comunidade:		
8 – a formação de lideranças:		
9 – (outros indicadores a serem incluídos opcionalmente pelo Sínodo)		

10. Comentários:

Nome: _____

Preenchimento opcional



C) O que nos envolve no Ambiente Interno?

Nosso Potencial:

- > Onde estão as nossas forças como comunidade?
- > O que a nossa comunidade tem de bom? (listar)

Nossas Fraquezas:

- > Quais são e onde estão as nossas fraquezas como comunidade? (fazer uma lista)



D) - O que nos envolve no Ambiente Externo?**Ameaças:**

- > Quais são as ameaças para o nosso trabalho?
- > Quais são as situações externas à comunidade que dificultam a missão?
(listar)

Oportunidades:

- > Quais são e onde estão as nossas oportunidades?
- > Quais as situações atuais ou potenciais que podem contribuir em grau relevante e por longo tempo para a realização da missão da comunidade?
 - > Quais são "sedes" (necessidades, demandas, expectativas) do ser humano em nosso tempo e lugar que podem ser saciadas (atendidas) por nossa comunidade?
 - > Quais os espaços (de valores, de vida, de serviço, etc.) que estão descobertos em nosso meio e que poderíamos ocupar com os aspectos específicos de nossa missão?
(listar)



Materiais de Apoio

Matriz de Impactos Cruzados - Quarto Passo

Matriz de Impactos Cruzados entre pontos fortes (PFO), pontos fracos (PFR), oportunidades (OPO) e ameaças (AME)

Cada uma das listas acima deve ser arrumada por ordem de importância, ou seja, do ponto forte mais relevante para a comunidade ao menos relevante, da fraqueza que mais atrapalha a comunidade até aquela que, embora seja uma fraqueza não atrapalhe tanto. Assim também em relação às ameaças e às oportunidades. Essa definição de importância deve ser feita em conjunto e sobre cada item deve haver consenso. É preciso atentar, também, que muitas vezes o que é uma ameaça para um pode ser considerado uma oportunidade para outro e o que pode ser considerado um ponto forte para um pode ser visto como um ponto fraco por outro. Esta é uma tarefa que exige muita paciência e cooperação e para a qual é preciso que todas as pessoas do grupo estejam dispostas a rever as suas certezas em cada ponto da atividade.

Feito isso, o grupo monta uma tabela, colocando na coluna da esquerda a lista completa com todas as questões levantadas pela ordem de importância e repetindo a lista na primeira linha horizontal de modo que os dados possam ser cruzados entre si, no que se chama de Matriz de Impactos Cruzados entre pontos fortes (PFO); pontos fracos (PFR); oportunidades (OPO) e ameaças (AME). Todas as vezes que o ponto forte 01 for considerado preponderante sobre qualquer outro fator, então marca-se um "x" (xis) no quadro correspondente. (É claro que, se PFO01 for considerado preponderante sobre PFO04, por exemplo, quando PFO04 for examinado não será mais necessário julgá-lo em relação a PFO01, porque isto já ocorreu! Quando se chega à última linha – AME04 – então praticamente já se tem toda a avaliação feita, porque AME04 já foi antes analisada frente a todos os demais fatores.

É importante que concentremos nossa atenção sobre os pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças que sejam realmente relevantes para a missão da comunidade, que é o primeiro ponto a ser definido. Aquilo que não interfere na missão (nem ajuda, nem prejudica) não pode ser considerado. Exemplo bem radical: se a missão da comunidade é "propagar o evangelho", ter bons contadores de piadas na comunidade não é ponto forte nem fraco, porque nada tem a ver com a missão.

Outro aspecto importante nesse mesmo sentido: definir muitos PFO, PFR, OPO e AME significa criar uma matriz de impactos cruzados que não tem mais fim. Isto acaba desanimando as pessoas a tentar fazer todos os cruzamentos. Nesta matriz que apresentamos abaixo, há apenas quatro fatores de cada tipo e isto já significa 256 cruzamentos.

Como a matriz é preenchida:

1) Direcionalidade significa a direção segundo a qual os fatores vão ser considerados: não de cima para baixo sobre a coluna da esquerda, mas cada fator da coluna da esquerda em relação aos da linha superior.

2) Vamos imaginar que temos quatro pontos fortes (PFO) + quatro pontos fracos (PFR) + quatro oportunidades (OPO) + quatro ameaças (AME). Por esta razão, nossa matriz de impactos cruzados vai confrontar PFO01 versus PFO02 e assim sucessivamente, até AME04.

3) Todas as vezes que o ponto forte 01 for considerado preponderante sobre qualquer outro fator, então marca-se um "x" (xis) no quadro correspondente. (É claro que, se PFO01 for considerado preponderante sobre PFO04, por exemplo, quando for examinado o PFO04 não será mais necessário julgá-lo em relação a PFO01, porque

isto já ocorreu! Quando se chega à última linha - AME04 - então praticamente já se tem toda a avaliação feita, porque AME04 já foi antes analisada frente a todos os demais fatores.

4) Ao final do exame de cada um dos fatores sobre todos os demais, basta que se some a quantidade de "x" (xis) de cada linha, que surgirão os fatores mais relevantes da análise. Por exemplo: se PFO01 somar 10 pontos no total e PFO02 somar apenas 03 pontos, então deve-se concentrar as estratégias de ação (o que fazer) sobre PFO01, porque ele trará vantagens no ambiente em que se vai atuar. Ou em outras palavras, usa-se o ponto forte mais "forte" para conseguir fazer o que se deseja.

Ao concluir a matriz de impactos cruzados, teremos uma quantidade de questões que vão orientar o planejamento. E a pergunta mais importante nesta fase é que ações devemos planejar para realizarmos a nossa missão, tendo em vista os resultados do diagnóstico.

No PAMI são apontados quatro objetivos específicos que se relacionam com as quatro dimensões missionárias. Para recordar, as quatro dimensões principais do PAMI são Evangelização, Comunhão, Diaconia e Liturgia. Podemos compor nosso quadro de planejamento dentro destes objetivos, elaborando ações que respondam às necessidades locais e, ao mesmo tempo, se inserem numa ordem de planejamento mais geral de toda a igreja. Há também no PAMI um conjunto de três eixos transversais a esses objetivos: a Formação, a Sustentabilidade e a Comunicação. Assim, ao definirmos as nossas ações estratégicas para cada objetivo, podemos agrupá-las em ações de formação, de sustentabilidade e de comunicação, definindo as atividades (ações específicas) para cada um destes eixos.

Para orientar a escolha das prioridades é preciso perguntar:

a) Quais das questões listadas na planilha são determinantes para a viabilidade ou para o fracasso do nosso plano de ação?

b) Quais são as questões que dependem de nós e quais dependem de outros fatores para serem atacadas? (Aqueles sobre as quais temos pouca ou nenhuma governabilidade devem receber igual atenção às demais, porque, muitas vezes, são as que exigirão maior esforço).

c) Quais são as questões que correspondem mais às características da comunidade e à sua missão?

d) Em que "direção" nosso coração comunitário bate mais forte?

Cabe ao coordenador ajudar a equipe de planejamento a manter-se focada na missão, na visão e no objetivo geral do Plano. Isso significa perguntar à equipe se aquela prioridade elencada se relaciona com as definições gerais do plano. Nunca se deve perder de vista o todo do plano, porque cada etapa se faz pelo acúmulo da anterior de modo que a coordenação tem a tarefa lembrar constantemente a equipe a esse respeito.

Também é importante que a coordenação tenha em mente que esse processo pode gerar conflitos. Nesse sentido, é preciso que quem coordena esteja atento para distinguir divergências de opinião de tensões pessoais que podem atrapalhar o desenvolvimento da atividade. Nesse caso, sempre deve haver a possibilidade para que as arestas sejam aparadas, provendo instrumentos para a explicitação das divergências e a constituição de novas relações fraternas, de perdão e compreensão mútuas.

Materiais de Apoio

Resumo sobre o Planejamento - Quinto Passo

O planejamento estratégico envolve três passos principais:

1º passo: AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA, quer dizer, análise da situação atual, localização de onde estamos, visualização do nosso "poder de fogo", avaliação do nosso papel no conjunto ou nosso poder face a outras organizações ou situações.

2º passo: DEFINIÇÃO DE ONDE QUEREMOS CHEGAR. Quer dizer: na avaliação da conjuntura, dizemos onde estamos; neste 2º passo, dizemos onde queremos chegar, o que queremos fazer. Neste momento, definimos claramente o que queremos fazer, desenhamos o que pretendemos, definimos o tamanho do que queremos, em quanto tempo, o quanto estamos dispostos a pagar. Não é um mero chute: é um esboço do desejo.

3º passo: DEFINIR COMO POSSO PASSAR DO "ONDE ESTOU" PARA O "ONDE QUERO CHEGAR". Neste ponto é que entra a estratégia, ou seja, a adoção do conjunto de ações para resolver uma determinada situação, em geral adversa.

O nosso planejamento deve levar em consideração, sempre, o modo de pensar "se/então". Se acontecer isto, então poderei fazer aquilo; se não acontecer isto, não poderei fazer aquilo! O que isto quer dizer?

Este modo de pensar "se/então" permite-me também visualizar a necessidade de um "plano B", ou seja, se a minha primeira alternativa não funcionar, o que farei? E isto nada tem a ver com "tentativa e erro", mas com planejamento sério. Desenhada a estratégia, quer dizer, o conjunto das ações que nos levarão a sair do lugar em que estamos para chegar ao lugar que desejamos, é preciso monitorá-la sempre, para que, a qualquer mudança no ambiente, não sejamos surpreendidos. Não esqueçamos que qualquer mudança no ambiente nos afetará. Assim, poderemos, com pequenos ajustes, ir adaptando a nossa trajetória para que não nos desviemos do caminho que desejamos.

Finalmente, há que considerar aquelas variáveis que não controlamos. Para que precisamos pensar nisso? Resposta: se as variáveis que não controlamos são em número muito grande ou se elas têm muito poder, talvez o nosso planejamento já indique que não somos capazes de fazer o que temos em mente, a menos que acumulemos mais poder ou que diminuamos o poder dos que controlam aquelas variáveis. Também muito importante na construção das estratégias, são os chamados fatores críticos de sucesso, ou seja, aquelas situações ou condições sem as quais nada se pode fazer (*"conditio sine qua non"*). Num planejamento de caráter estratégico, há muitas variáveis que estão sob a governabilidade do planejador, isto é, quem planeja controla a variável. Mas há também variáveis que estão fora da governabilidade do planejador e essas são as mais delicadas. Por que?

Pelo simples fato de que, se não controlamos uma variável, precisamos construir a sua viabilidade, quer dizer, precisamos tomar medidas (às vezes, inclusive, desenhar uma nova estratégia) para que as variáveis não controladas trabalhem a nosso favor. É importante que todos estes fatores sejam listados e estudados, por escrito, para que, com o desenrolar do plano, possamos sempre de novo rever o seu comportamento e redimensionar as necessidades de seu enfrentamento.

Formulário 8 - Matriz de Planejamento do PAMI - Evangelização - Quinto Passo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Evangelização - Testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas no seu contexto

Ações Estratégicas (o quê?)	Atividades (tarefas)	Público-Alvo (para quem?)	Prazo (período)	Recursos (com o que podemos contar e do que precisamos)	Responsável (quem?)	Resultado esperado	Quem monitora
1. Ação 1	1. Atividade 1						
	Atividade 2						
	etc.						
	1. Atividade 1						
2. Ação 2	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						
	4. etc.						
	1. Atividade 1						
3. Ação 3	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						

Formulário 9 - Matriz de Planejamento do PAMI - Comunhão - Quinto Passo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

. Comunhão - Promover a vivência da fé em Jesus Cristo em comunidade -

Ações Estratégicas (o quê?)	Atividades (tarefas)	Público-Alvo (para quem?)	Prazo (período)	Recursos (com o que podemos contar e do que precisamos)	Responsável (quem?)	Resultado esperado	Quem monitora
1. Ação 1	1. Atividade 1						
	Atividade 2						
	etc.						
2. Ação 2	1. Atividade 1						
	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						
	4. etc.						
3. Ação 3	1. Atividade 1						
	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						

Formulário 10 - Matriz de Planejamento do PAMI - Diaconia - Quinto Passo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Diaconia / Acompanhamento- Praticar a misericórdia e a justiça - Acompanhamento das pessoas em suas necessidades concretas e suas crises.

Ações Estratégicas (o quê?)	Atividades (tarefas)	Público-Alvo (para quem?)	Prazo (período)	Recursos (com o que podemos contar e do que precisamos)	Responsável (quem?)	Resultado esperado	Quem monitora
1. Ação 1	1. Atividade 1						
	Atividade 2						
	etc.						
2. Ação 2	1. Atividade 1						
	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						
	4. etc.						
3. Ação 3	1. Atividade 1						
	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						

Formulário 11 - Matriz de Planejamento do PAMI - Liturgia - Quinto Passo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Liturgia - Celebrar o amor de Deus no mundo -

Obs.: Considerar a importância da música nesta dimensão.

Ações Estratégicas (o quê?)	Atividades (tarefas)	Público-Alvo (para quem?)	Prazo (período)	Recursos (com o que podemos contar e do que precisamos)	Responsável (quem?)	Resultado esperado	Quem monitora
1. Ação 1	1. Atividade 1						
	Atividade 2						
	etc.						
	1. Atividade 1						
2. Ação 2	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						
	4. etc.						
	1. Atividade 1						
3. Ação 3	2. Atividade 2						
	3. Atividade 3						

Formulário 12 - Tabela para avaliação permanente do Planejamento Estratégico

Avaliação por ações

Planejado e realizado		
Quais as ações planejadas e realizadas?	Foram realizadas nos prazos, pelos responsáveis e com os recursos previstos?	Quais os resultados atingidos?
		O planejamento da comunidade está sendo implantado com a realização destas ações?

Planejado mas não realizado		
Quais as ações planejadas e não realizadas?	Por quê?	Quais os prejuízos causados ao planejamento da comunidade?
		O que fazer?

Não planejado mas realizado		
Quais as ações não planejadas e realizadas?	O que justificou sua execução?	Quais foram os resultados obtidos?
		Em que esta ação contribuiu para o planejamento da comunidade?